

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

60) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 23, 1838



MODO DE SECCAR AS FOLHAS DO CHA'

NOTICIA A' CERCA DO CHA' DA INDIA.

2.^o

EM O N.^o 50 dissemos n'um primeiro artigo o que havia a respeito do chá da India, e sua cultura, e o que mais digno era de credito; acompanhámos a explicação com duas estampas copiadas de desenhos originaes chins, parte d'uma serie, a que pertencem as outras duas, que junctámos ao presente artigo. Nestas se mostra a exsiccção, e enrolamento das folhas do chá, e sua final preparação para o commercio externo. Extrairemos a este respeito as noticias, que o illustre Brotero colligiu de escriptores acreditados, por isso mesmo que, confrontando-as com muitas mais recentes, as achámos perfeitamente concordes e uniformes.

O chá prepara-se em edificios publicos, destinados a este serviço, e dirigidos por especiaes regulamentos; de fórma que a maior parte dos cultivadores, que não tem commodos nem arranjos, nem bastante pericia para a operação da exsiccção do chá, mandam alli suas colheitas a preparar. Aquelles edificios contem dez a vinte fornalhas pequenas, de tres palmos d'altura, guarnecidas na boca superior com uma larga bacia de ferro, pouco funda, redonda ou quadrada, com as bordas um tanto dobradas á roda das bocas das fornalhas, o que serve não só para indicar os gráus de calor, mas contribue tambem para as folhas não caírem fóra da bacia. Nas mesmas casas costuma haver uma mesa comprida e baixa, coberta de esteiras, á roda da qual se assentam os enroladores. Logo que as bandejas ou bacias de ferro estão aquecidas na temperatura conveniente, um dos trabalhadores mais practico, deita-lhes dentro alguns arrateis de folhas de chá recém-apanhadas, as quaes, logo que recebem o calor, abrem e largam parte do

succo: então é necessario meche-las com a mão, e muda-las d'uma banda para a outra com a maior velocidade até o ponto d'escaldarem: tiram-nas depois com uma especie de colher chata, e as põem sobre as esteiras, onde os enroladores as vão tomando em pequenas porções, e enrolando nas palmas das mãos n'uma só direcção, em quanto outros trabalhadores as abanam com ventarolas, afim de que esfriando mais depressa se conservem melhor enroladas. Esta operação se repete tres, quatro, ou mais vezes até que se dissipe de todo a humidade, e de cada vez se diminue o gráu de calor, e se procede com maiores vagares e cautelas; até que finalmente o chá passa aos armazens, onde o baldeam e lotam em bamdejas, fazendo diversos sortimentos, encaixotando-o por ultimo da fórma que vem para a Europa. O methodo que referimos é empregado no chá verde, ou na melhor qualidade de folhas; porque as mais ordinarias são simplesmente seccas ao calor do sol, tendo o cuidado de as mecher a miudo. Em todo o caso, os japonezes são mais aceados e cautelosos que os chins em todas as operações do preparo do chá. As folhas, antes de se encaixotarem são escolhidas em bamdejas, tirando-se-lhes os tronquinhos, e mais cisalho, e depois se lotam, como se vê na gravura, que fecha este artigo.

Os chins para seu uso costumam guardar o chá em boiões de barro; porém o que é destinado para a casa imperial, e o consumo da nobreza é arrecadado em vasos de fina porcelana.

Já dissemos que na China, como na Europa, é o uso da infusão do chá quasi geral; porém os chins, e na Europa os hollandezes, tem uma rasão fortissima para este uso; isto é, a necessidade de purificar as aguas turvas, insalubres, e fetidas, de que estes povos são obrigados a servir-se, porque o chá prece-

pita as materias estranhas, que as aguas contem, além da vantagem de remediar, pelo seu cheiro aromatico, a insipidez desagradavel, que lhes dá a fervura.

O celebre Accum diz que em Londres se falsifica muito o chá, com manifesto perjuizo da saúde, e grande detrimento das rendas publicas, substituindo-o por folhas d'abrunheiro bravo, de freixo, ou de sabugueiro, córadas, para imitar o chá preto, por meio d'uma tinctura de páu de campêche; e, para imitar o chá verde, com uma preparação em que entram saes de cobre. Este auctor indica os meios de distinguir os chás facticios dos naturaes; e quem os pertender conhecer póde consultar a memoria sobre o chá inserta em alguns n.ºs do Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, e especialmente na parte incorporada no n.º 3.º pag. 400. Nesta mesma memoria se acham mais por extenso as noticias, que resumimos; assim como a analyse chimica do chá, e outras observações, que deixámos por nimamente scientificas, alheias por isso do nosso Jornal.

O preparo com saes de cobre deve ser prejudicial em summo gráu, e ha muitas rasões para suspeitar que não é esse o meio da falsificação. Quanto á substituição das folhas indigenas é caso trivial em Inglaterra, onde os tribunaes não poucas vezes condemnam os culpados neste trafico, mais pelo que defraudam as rendas do estado, do que pelo perjuizo que dahi para a saúde publica póde resultar. Entre nós cresce abundantemente pelas asinhagas o abrunheiro sylvestre (*prunus spinosa*); mas ninguem terá a tentação de o aproveitar para substituir o chá, nem por especulação mercantil: estamos persuadidos que desejariam os nossos commerciantes achar prompto consumo ao que importam da Asia, empatado pela guerra que lhes faz a clandestina introdução em algumas provincias do chá de contrabando; resultado inevitavel da exorbitancia de direitos com que ha alguns annos foi onerado este genero; importação que deveria merecer favor, por isso que mantém de alguma sorte as relações commerciaes entre uma colonia remotissima e a metropole; e é quasi exclusivamente feita em navios nacionaes.

Quando porém se houvesse de recorrer a plantas indigenas para supprir o chá, não faltam especies em o nosso paiz, das quaes se possam fazer infusões salutiferas. Mas temos para nós que substituindo uma bebida por outra, difficilmente se accommodarão os paladares á innovação, digam o que quizerem os exaggerados adversarios do chá da India: a differença é tão consideravel como da cerveja para o vinho, ou como [para não buscarmos exemplos fóra do assumpto] do chá preto para o chá verde: nós que estamos habituados a este, não podemos tolerar aquelle, que os inglezes preferem; e com tudo são ambos productos da mesma planta. Faz rir a seriedade com que alguns inculcam certos chás de sua invenção, e não os usam. Temos provado o chá de salva, e outro ainda melhor, de que muitos se não lembram, o chá de herba prata; mas sempre nos tem parecido infusões da botica. Util, como remedio, é o chá d'avenca, apesar de dizerem alguns que é nullo em resultados, por que a planta, pobre de saes, não póde fornecer extractos: que ella dá uma infusão temos nós visto, e que muitos facultativos a receitam; quanto porém ao paladar decidam os que tem usado deste chá se elle é preferivel ao chá da India, que é a nossa questão. Com tudo isto queremos dizer que as declamações não invertem o habito d'um povo, maiormente quando se lhe não póde provar que é nocivo. A este respeito nos referimos ao começo do nosso primeiro artigo, e ao dicto de Fontenelle, que alli citámos,

e quando nos apresentarem auctoridades em contrario, iremos ás bibliothecas buscar outras para lhe contrapôr, e assim ficará pendente a questão. Joncquet, medico francez, chamou ao chá *herba divina*, e o comparou á *ambrosia*. Em 1673, Cornelius Boutekoe, medico do eleitor de Brandebourg, e de muita reputação, louvou tambem com grande enthusiasmo as virtudes do chá n'uma dissertação que publicou sobre elle, e sobre o café, e o chocolate. A voga, que adquiriu este escripto, contribuiu muito para propagar o uso do chá, de fóra que no fim do seculo 17.º já o consumo era prodigioso. Esta bebida tem tido na Europa o mesmo destino do tabaco; encontrou encarniçados adversarios, e ao mesmo tempo zelosos panegyristas, e tanto uns como outros exaggerados. Isto não admira, quando lemos nas historias da medicina que os mais famigerados remedios experimentaram igual sorte.

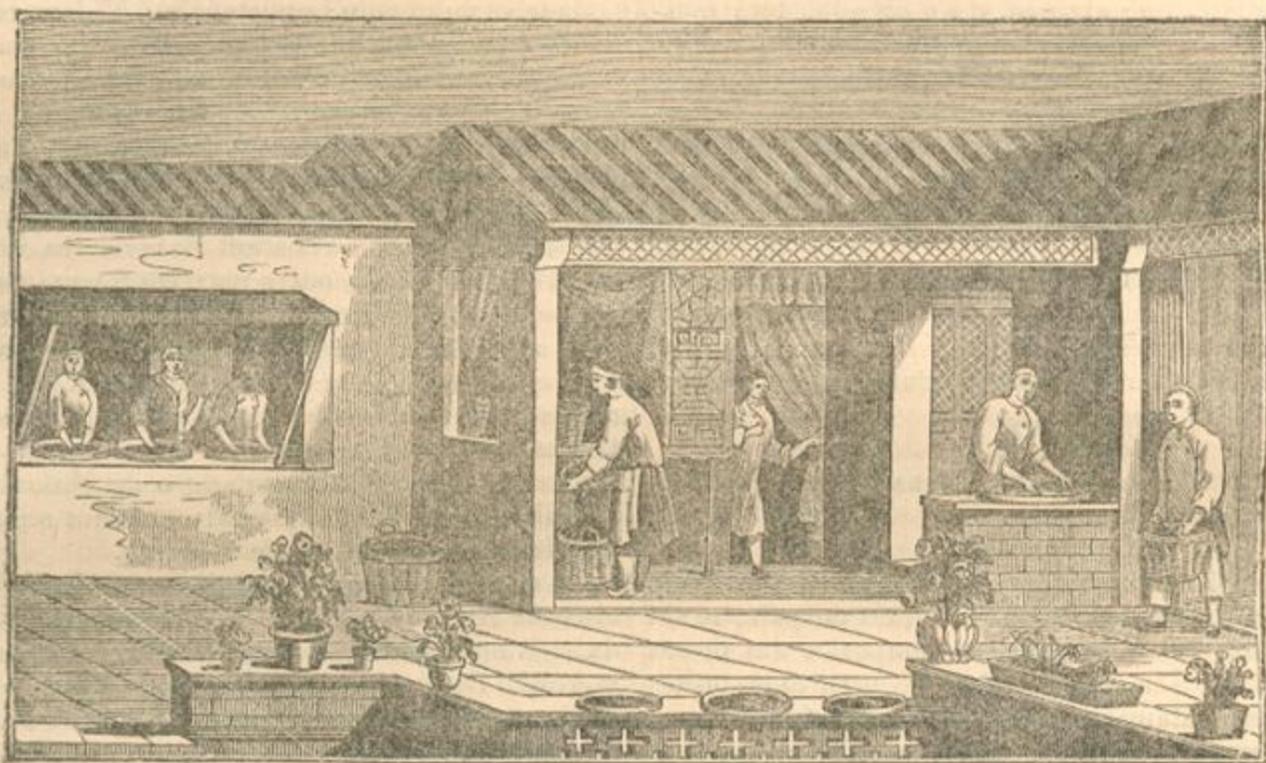
Os habitos confirmam os gostos, e estes muitas vezes procedem da raridade dos objectos em que se empregam. Assim vemos que os chins apreciam tanto o chá da salva, que nos enjoa; de fóra que os especuladores lh'a vendem carissima, e em retorno do chá que trazem para a Europa. Se os chins usam da salva como medicamento, não o sabemos bem; mas se é como regalo será para desenfatio do chá do seu paiz, que é sua bebida habitual: e eis-aqui mais uma próva da dissemelhança entre o sabor dos dois chás, para quem o não tenha experimentado. Além de que os gostos são relativos, como as idéas da belleza, não só entre diferentes povos e pessoas, mas tambem nas diversas epochas. Os romanos comiam malvas guisadas com o mesmo regalo com que nós comemos espinafres: hoje não será necessario ter um paladar muito delicado para arrenegar do tal pratinho. Por isso para quem quizer fazer ensaios, que não deixarão talvez de ser economicos, lhe inculcaremos uma planta indigena, que se acha pelos outeiros e sebes em quasi todo o reino; e vem a ser, o *pilriteiro*, ou *espilheiro alvar de casca verde* (*crataegus oxyacantha* Linn.) Este arbusto floresce na primavera: e as folhas devem colher-se entre Abril e Setembro inclusivamente, fazendo escolha das melhores; limpam-se primeiro esfregando-as com cautela, e lavam-se em agua fresca, depois do que se poem a seccar. Estando alguma cousa enxutas, mas não de todo, expoem-se á acção d'um forte vapor d'agua até de verdes que são ficarem em côr d'azeitona: feito isto vão n'um vaso ao fogo a seccar, tendo o cuidado de as mecher durante esta operação, e quando estiverem bem seccas se devem guardar. Affirmam que estas folhas assim preparadas supprem muito bem o chá da India, fazendo-se pela mesma maneira a infusão, que dizem ser agradavel ao beber, e salutifera. Facil é a experiencia, e verificada que seja poderá utilizar principalmente aos habitantes do campo, nas provincias, que se hão-de empregar nos tapumes, e cercados, outros arbustos, deverão em tal caso preferir o pilriteiro, que assim perderá a má fama que lhe resulta da nossa antiga e sabida cantiga:

Arvore, que das pilritos,
Porque não das cousa boa? &c.

O arbusto do chá indiano tem sido transplantado aos jardins botanicos da Europa; porém alguns pés delles trazidos a Inglaterra pereceram com o rigor do clima; comtudo é notorio que um chegou a florescer no celebre jardim de Kew, sómente com o calor natural do sol; e mais alguns tambem fóra da estufa, como dois, que cresceram muito bem, expostos ao ar livre durante o estio, no jardim do Dr. Fothergill em Opton.

Donde se collige que a planta do chá poderá talvez dar-se nos climas brandos e temperados das nossas regiões. Em 1816 se fez no Brasil a tentativa de a naturalisar, e com feliz successo, mandando o governo vir alguns chins, practicos na sua cultura, para o Rio de Janeiro; e tendo feito o primeiro ensaio no real sitio de Santa-Cruz, dahi se propagou para outras provincias, adquirindo mais desinvolvimento na de S. Paulo, cujo clima e terreno se julgaram mais adequados para a sua aclimação: de fórma que os bra-

sileiros estão aptos para seguirem este novo ramo de cultura e de commercio. Já em 1829 alguns sabios de Londres tinham recebido amostras do chá do Brasil, e o acharam mais forte que o da China, o que sem duvida procede de ser d'uma colheita recente, isto é, de um anno só depois de colhido, por quanto o que se consome na Europa vindo da Asia é geralmente de tres, ou quatro annos; e consta que os japonezes e os chins não usam do chá recente sem lhe misturarem uma porção do velho.



ULTIMA PREPARAÇÃO E LOTAÇÃO DO CHÁ.

PINHEIROS.

PUBLICAMOS as seguintes rectificações ao artigo inserido no N.º 55 sobre o pinheiro corso, as quaes nos foram communicadas por pessoa entendida na materia. O desejo de que o Panorama sirva de instrução real, e não *apparente*, fará sempre com que publiquemos as rectificações e esclarecimentos que nos forem enviadas, uma vez que as achemos rasoaveis e decentes.

Lendo no N.º 55 do Panorama um artigo sobre sementeiras e aproveitamento de pinheiros, objecto da nossa profissão, tivemos que era dever nosso rectificar de passagem algumas idéas alli expendidas. — Começa o auctor do artigo por se enganar dizendo que o pinheiro de Corsega é o *pinus larix* dos botanicos, quando estes [taes como Rozier, Poiret, Desfontaines, Lamarek e Decandolle] lhe chamam *pinus laricio*, tendo sido reservada por Linneu aquella denominação para o *larix ordinario* [Brot.]; ital. *larice*; ingl. *common larch*; franc. *mélèse commun*; alem. *larchen baum*; hol. *lorkeboom* (*larix europæa* de Dec. e Desf.; *abies larix* de Lambert) o qual segundo diz Brotero é indigeno das serras mais elevadas da Siberia e Alemanha, dos Alpes, da Suissa, e do Apennino na Italia &c., dando-se pelas encostas que olham ao norte, e está hoje aclimatado na Graã-Bretanha onde annualmente se semeam milhões delles. Não cresce em logares humidos ou chãos, senão nas serras frigidissimas; por isso em Portugal só poderá servir para as ladeiras voltadas ao norte das partes mais frias e altas nas serras de Estrella, Gerez, Marão, &c.; por tanto será talvez a especie que a este paiz menos utilidade geral poderá offerecer, vis-

to que urge mais o ver-nos livres das inundações d'arêas das costas. Experiencias e tentativas feitas em França baldaram as sementeiras em sitios improprios, vingando apenas as das encostas septentrionaes elevadas cujos pinheiros medraram bem: este resultado é bom que se conheça para não gastarmos em novas tentativas.

O pinheiro corso que, como dissemos, se denomina *pinus laricio*, nada mais parece ser na ponderosa opinião do celebre Brotero "do que uma prole do pinheiro silvestre (*pinus sylvestris*) degenerada em razão do clima e sitio insular." — Comtudo differe no crescimento, sendo o de Corsega duplamente rapido a respeito do silvestre, no que talvez influa o ser a semente creada fóra dos paizes onde se fizeram as sementeiras.

Os variados locais que ultimamente se tem annexado á administração das mattas de construcção naval em Portugal, e uma encommenda de sementes de arvoredos florestaes que o ministerio da marinha acaba de fazer, nos agouram resultados mais esperançosos a respeito de novas tentativas de sementeiras exoticas, do que outras que só faziamos em terrenos de uma só especie, outr'ora unicamente á disposição da citada administração.

A lembrança de semear com o *pinus maritima* o litoral arenoso de Portugal já é antiga, e até está em practica em parte, pois cada anno se semeam uns poucos de moios de pinisco ao norte do grande pinhal de Leiria, e de doze annos a esta parte se tem semeado para cima de tres mil alqueires, occupando já este novo pinhal uma legua ao norte do rio Liz ao longo da costa. Esta sementeira vai progredindo com a possivel promptidão, pondo-se em practica os pre-

ceitos conhecidos para a custosa tarefa de semear áreas soltas. Já no principio deste seculo tinha o Dr. Andrada começado uma sementeira em Lavos, ao sul do Mondego. —

Para não encher mais linhas do Panorama terminaremos as nossas notas fazendo uma pequena explicação ao que diz o artigo sobre quaes devem ser os primeiros pinheiros cortados. Não se dê o caso de que alguém tome a recommendação em absoluto e comece por deitar abaixo a torto e a direito os pinheiros tortuosos, declarando-lhe guerra aberta só por terem algum aleijão, que alguma vez a arte lhe terá mesmo dado: ha pinheiros tortos que teem mais valor nas construcções navaes para dar os *páus de volta*, *curvas e liames*, do que quaesquer das suas dimensões tão direitos como um mastro; e não é das partes simples da sciencia florestal o saber os differentes modos de entortar convenientemente os pinheiros: esta noção convém ter presente quando se tractar de fazer algum córte unicamente para lenhas.

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

VI.

CONQUISTA DE MALACA.

[1511].

MALACA, hoje habitada apenas por cinco mil visinhos, dos quaes a maior parte são naturaes do paiz, se foi antigamente um dos mais ricos emporios das nossas conquistas da Asia, é actualmente uma aldêa miseravel, onde restam, quando muito, doze familias europeas, e um governador inglez, que, capitaneando 50 sipaes, conserva sobre as ruinas da antiga fortaleza a bandeira britanica. Depois de tantas luctas entre os portuguezes, holandezes, e inglezes sobre a posse deste canto do mundo, triumpharam por fim os ultimos; mas o fructo do seu triumpho foi em Malaca, bem como em outras partes do oriente, o dominio sobre um cadaver.

Este cadaver, porém, importava muito á preponderancia do commercio inglez na Asia. O governo daquella nação viu, como vira Affonso de Albuquerque, quanto valia o senhorio de uma cidade que, podia ser, e fôra com effeito, uma das mais importantes escalas commerciaes. Nas mãos alheas ella podia causar graves damnos ao trafico inglez; e por isso posto que a Inglaterra não precisasse della, para este fim, trabalhou em possuí-la para que os holandezes não se aproveitassem das vantagens que a sua situação offerecia. Com Batavia tinha a Hollanda a chave do estreito de Sunda; e assim a companhia ingleza das Indias quiz para si a do estreito de Malaca, appossando-se desta cidade, e estabelecendo as feitorias de Sincapura e de Pulo-Penang.

O oceano indico, formando como uma grandissima bahia fechada, por um lado, pela costa oriental da Africa, e por outro, pelas ilhas innumeraveis da Oceania, contém duas peninsulas que saindo do fundo da bahia formam tres golphos: o primeiro é chamado da India, e jaz entre a banda oriental da Africa, e a costa occidental do Indostão, ficando nas pontas das terras que fecham o golpho, de um lado o cabo de Boa-Esperança, e do outro o de Comorim, a cujo travez está lançada a ilha de Ceilão: dobrando este ultimo cabo corre a costa oriental do Indostão, e lá no fundo jaz Bengala, d'onde torna a bojar uma lingua de terra, que pega pelo sertão com o imperio dos Bremás ou Bramás, a que hoje os inglezes chamam Birmania, e correndo para o oceano vem á ponta de Malaca, a qual com o cabo Comorim forma o se-

guado golpho, chamado de Bengala. Como attravez do cabo de Comorim jaz Ceilão, attravez da ponta de Malaca está lançada Sumatra, seguindo-se logo Borneo, Java, e as mais ilhas de Sunda, que já pertencem á Oceania, e que com a Australia dividem os mares indicos do Oceano Pacifico. Dobrando a ponta de Malaca corre outra vez a costa para a banda do sertão da Asia, enterrando-se por ella dentro o golpho de Sião, que é o terceiro de que fallámos, e saindo do qual se segue a longa costa da Cochinchina e da China.

Já se vê de quanta importancia é Malaca como ponto maritimo. Entre ella e Sumatra fica um estreito canal. Sumatra estende-se para o mar largo por 380 leguas, e vae entestar com a Java, que tem perto de 200 leguas de comprimento, ficando, entre ambas as ilhas, tambem o estreito canal de Sunda, em que dominam os holandezes, que estabeleceram a capital das suas colonias da Asia em Batavia, na ilha de Java. Por um ou por outro estreito forçosamente hão-de passar todos os navios que navegam entre a China e a India, salvo se quizerem dar uma volta immensa pelos mares da Oceania, semeados de innumeraveis ilhas e parciais perigosos. São, pois, os dois estreitos de Malaca e de Sunda as chaves do commercio da Asia: tendo a primazia o de Malaca, por ser aquella a rota, ainda que talvez menos segura, mais proxima para o golpho de Bengala.

Já no tempo em que era vice-rei da India D. Francisco de Almeida se sabia no conselho de D. Manuel da existencia de Malaca e da sua importancia commercial. Determinou por isso elrei que Diogo Lopes de Sequeira partisse de Lisboa com uma armada para descobrir aquella cidade, e assentar nella tracto entre os naturaes e os portuguezes. Depois de varios successos Diogo Lopes chegou com effeito a Malaca; onde sendo recebido com apparentes mostras de agasalho, correu risco de ser morto com todos os da sua companhia por traição que os mouros, conjurados com o governador da cidade haviam urdido, e de que escapou como por milagre; e deixando prisioneiros nas mãos dos malaioes trinta e tantos dos seus, depois de declarar guerra ao rei de Malaca em nome d'elrei de Portugal, partiu outra vez para o reino.

Entretanto tinha succedido no governo da India o immortal Affonso de Albuquerque. Occupado com as guerras da India e de Ormuz [*], não curou por muito tempo de ir castigar a traição dos malaioes; mas conquistada emfim Goa, e assentada abi a séde do imperio portuguez da Asia, chegou a vez de Malaca dobrar a cerviz ao nosso jugo.

Recommendava elrei D. Manuel, por suas cartas, a Affonso de Albuquerque que trabalhasse por haver ás mãos a cidade de Adém, a qual era como a chave do estreito do mar roxo, donde, se os portuguezes ahí podessem alevantar uma fortaleza, impediriam com suas náus o commercio e navegação dos mouros, que por estas partes mercadejavam. Accrescia, para dar vulto á ordenada expedição, a noticia da grande armada que o sultão do Cairo preparava em Suez para vir accommetter os portuguezes, e expulsa-los da India. A estes mandados d'elrei se dispoz a obedecer Affonso de Albuquerque; e preparando uma grossa armada partiu para o estreito. Sendo, porém, tanto avante como os baixos de Padua, encontrou os ventos tão ponteiros, que tornou a arribar a Goa. A monção com que se costuma navegar da India para o mar roxo tinha entretanto passado. Assentou Affonso de Albuquerque então, com os seus capitães, que, visto não se poder ir a Adém, convinha aproveitar o ensejo daquella armada para castigar o rei

(*) Veja-se a pag. 131 do 1.º volume.

de Malaca pelas trações que urdira contra Diogo Lopes. Vellejou, pois, a armada naquella derrota; e deixando providas as fortalezas de Cananor e Cochim, seguiu Affonso de Albuquerque viagem para Malaca, levando uma frota de 19 vellas e 1:400 soldados, 800 portuguezes e 600 malabares.

Varios successos aconteceram á frota durante o tracto, que deixaremos de memorar por não fazerem ao nosso principal intento. Baste saber-se que ella surgiu no porto de Malaca, levando já tomadas oito náus de mouros, que no caminho encontrára.

Malaca não era então como hoje uma pequena e meia arruinada aldêa. Ainda que a maior parte das casas da cidade eram de madeira, e cubertas de *ola* ou folha de palmeira, tinha com tudo muitos edificios nobres e torres soberbas, e estendia-se por espaço de uma legua ao longo do mar, contendo, segundo o computo dos naturaes, acima de cem mil habitantes. O surgidouro, ou enseada fronteira á cidade, estava cuberto de náus de muitas nações, porque Malaca era naquelle tempo a escala principal do commercio entre a China, a India, o imperio de Sião e as ilhas mais civilizadas da Oceania.

Fundada com mui pouco poder, esta cidade tinha ganhado dentro em 90 annos aquelle grande esplendor. Ao tempo que ahí chegou Affonso de Albuquerque, reinava ainda em Malaca o sultão que quizera destruir atraçoadamente a armada de Sequeira. Chamava-se Mahamed: homem cruel e tyranno que já tinha morto um irmão, e o proprio filho, além de muitos outros parentes e pessoas conspicuas, e entre estes ao Bendará, ou governador da cidade, o qual fora o principal motor dos enredos e trações contra os portuguezes, de que, como dissemos, escapou a custo Diogo Lopes de Sequeira, ficando muitos portuguezes captivos nas mãos dos mouros.

Foi a redempção destes portuguezes o motivo que Affonso de Albuquerque achou mais azado para romper com Mahamed. Apenas a armada portugueza ancorara, mandou o sultão perguntar ao general se aquella grande frota vinha em som de guerra ou de paz, dizendo que elle só paz queria com os portuguezes, e que já tinha mandado matar o Bendará, que havia sido causador do levantamento popular, em que foram mortos e captivos alguns soldados da primeira armada, que apparecera em Malaca. Percebeu Affonso de Albuquerque a dissimulação do mouro, e dissimulando tambem com elle, respondeu-lhe, que estava bem certo da sua innocencia e que visto já ter castigado o principal culpado, só restava o pôr em liberdade os portuguezes captivos: que se isto não fizesse, elrei de Portugal tinha alli aquella armada para tirar crua vingança da recebida injuria.

Com demoras e palavras simuladas pretendeu então o mouro entreter o general portuguez, sem entregar os prisioneiros. Fiava-se Mahamed em que estando a acabar a monção com que se navegam aquelles mares, a frota portugueza devia ou partir para a India, ou, demorando-se, expor-se a quasi certa ruina. Ao mesmo tempo, porém, que usava destas manhas, fazia sair do rio de Malaca, onde só entram embarcações de pouco porte, as suas lancháras, especie de barcas de guerra mui uzadas naquellas partes, as quaes vinham dar mostra de si á armada, e como ameaça-la.

Vendo Affonso de Albuquerque os subterfugios do malaio, e as delongas que punha na conclusão do negocio, para lhe mostrar que de fraco amparo lhe seriam as suas barcas de guerra, mandou quatro bateis com gente e artilharia, que correndo ao longo da praia esbombardeassem a cidade. Quizeram os inimigos esperar os bateis com vinte das suas barcas;

mas tiveram de recolher-se logo porque Affonso de Albuquerque mandou desamarrar mais bateis, que não foi preciso trabalhassem, porque Mahamed enviou um mensageiro com fingidos protestos de paz, asseverando que immediatamente que se fizesse um tractado do commercio e boa amisade mandaria entregar os prisioneiros.

Entretanto a cidade se fortificava com o maior vigor. Trincheiras e paliçadas se alevantavam por toda a parte, abriam-se fossos, e assestava-se artilharia, a qual era tanta que a orçavam os naturaes por oito mil boccas de fogo, de ferro de cobre e de outros metaes. Tinha Mahamed a seu serviço 20:000 homens estrangeiros, afóra a grande multidão de soldados malaios. Ao mesmo tempo incitavam o rei a não entrar em tracto algum com os portuguezes os mercadores guzerates que alli tinham ido da India aquelle anno com suas náus e mercadorias, os quaes temiam que os portuguezes commerciando livremente em Malaca destruíssem a influencia de que elles ahí gosavam havia muitos annos. Aconselhavam outros que se restituíssem os captivos, e que se pagasse com dinheiro os damnos que soffrera a armada de Diogo Lopes; mas a estes conselhos cerrava os ouvidos Mahamed.

Enfadado já Affonso de Albuquerque, com os enganos que lhe faziam, e resolvido a não ouvir mais propostas em quanto lhe não entregassem os prisioneiros, esperou por estes alguns dias e vendo por fim que as esperas eram baldadas, mandou dez bateis que fossem lançar fogo a algumas casas, que ficavam á borda do mar, bem como ás náus dos guzerates, que elle sabia davam ajuda a Mahamed, e o tinham incitado á guerra. Este expediente que tomou o general produziu o desejado effeito. Apenas os edificios e náus começaram a arder, os mouros, a quem não tinham boas palavras obrigado, mandaram entregar os captivos portuguezes, pedindo aos da armada não quizessem incendiar o resto das embarcações e edificios, que elles não podiam defender.

Recolhidos os prisioneiros, Affonso de Albuquerque exigiu de Mahamed que deixasse construir uma fortaleza na sua cidade, a qual servisse de feitoria aos portuguezes, e que pagasse trezentos mil cruzados para despezas da armada. Exigindo tanto o capitão portuguez queria castigar o mouro da má fé, que tinha com elle usado. Respondeu que sim Mahamed; mas desde então nunca mais mandou tractar de cousa alguma com Affonso de Albuquerque, o qual vendo já guarnecidas e fortificadas as estancias inimigas e tudo posto em som de guerra declarada, resolveu-se com os outros capitães da frota a accommetter a cidade.

(Continuar-se-á).

MODO DE DOMESTICAR LONTRAS PARA A PESCA.

A LONTRA é um quadrupede que tem muita analogia com os amphibios: habita ao longo dos rios, e permanece por muito tempo debaixo d'agua, donde todavia é obrigada a sair para vir respirar á superficie: mantem-se no enraizamento das arvores, nas tocas das fragas sem apartar-se do pé das aguas, onde busca o seu alimento. Como se nutre de peixe, faz grande destruição nos rios e pesqueiras, até porque se regala em matar este, ainda depois de farta. Á falta de peixe sustenta-se de raãs, de ratazanas, de insectos, e até de plantas, quando a fome a aperta. Acha-se em toda a Europa; e por toda a parte lhe fazem crua guerra, não só pelos damnos, que causa, como pela valia da pelle, que depois de preparada é optima para bonnés, chapéus, forros &c., como é geralmente sabido. Dizem que é gostosa a carne, mas

cremos que hade saber a limo e a maresia. Os frades em tempos antigos faziam estimação desta iguaria, talvez porque presumiam poder come-la nos dias magros. Na Toscana fazem desta carne paios e salpicões, mas necessita ser muito carregada de adubos.

A industria humana achou meio não só de domesticar este animal bravo e estragador, mas tambem de o empregar em serviço util, como fez a todos os animaes domesticos. Um sabio succo, G. Low, conseguiu educar uma lontra, e ensina-la á pesca como se ensina um cão para a caça, e ainda mais commodamente. Daremos um breve extracto do seu methodo, e os curiosos podem consultar a memoria latina, que elle publicou nas Actas da Academia da Suecia. Apanhada uma lontra viva, prende-se, e sustenta-se por alguns dias com peixe e agua: mistura-se-lhe depois neste alimento sopas, leite, e hortaliças, e quando estiver quasi acostumada a estas comidas, vai-se-lhe retirando o peixe até a deshabituar inteiramente d'elle. Vendo-se que, á força de lidarem frequentemente com ella, e de lhe darem a comer na mão, está bastante domesticada, ensina-se a acompanhar, a obedecer como o cão, e a buscar. Emmestrada assim, leva-se á beira d'um rio, munido o dono de alguns peixinhos mortos, e d'outros maiorzinhos vivos. Primeiro se lhe deitam os pequenos [que a lontra agarra promptamente] mas obrigando-a a traze-los logo á mão: faz-se depois o mesmo com os vivos, que ella toma tambem com facilidade, e vem igualmente trazer. Deve haver o cuidado de lhe dar de cada vez a cabeça do peixe que apanha, estímulo que a incita para a pesca, de fórma que em pouco tempo tem o dono pescador por sua conta.

João Sobieski, rei da Polonia, tinha uma lontra domesticada, que estimava muito, e há muitos exemplos d'outras igualmente mansas; restava dar-lhe a applicação, que levamos dicta.

ANECDOTA DO IMPERADOR FRANCISCO 1.^o, DE AUSTRIA.

APPRESENTARAM um dia a este monarcha um professor de calligraphia, que tinha desenhado a traço de penna com summo artificio a aguia de duas cabeças das armas austriacas. Cada penna das azas encerrava uma sentença, escripta em letra tão subtil que era impossivel decifra-la com a simples vista. O imperador admirava este primor de delicadeza e paciencia, e queria comprehender o sentido das palavras. Eram cumprimentos emphaticos em que se exaltavam pomposamente as virtudes e talentos governativos do principe; este á medida que o professor proseguia na leitura ia demonstrando signaes de impaciencia, até que por fim entregando-lhe a recompensa, o despediu com estas palavras: — Tomai; sois um habil artista: porém eu vos recompensaria mais amplamente e de melhor vontade se vos não tiveseis mettido a cortezaõ. —

ACÇÃO GENEROSA DE D. JOÃO 2.^o

RUY de Sousa era um cavalleiro illustre que tinha militado, practicando assignalados feitos d'armas, em tempo d'elrei D. Affonso 5.^o A elrei D. João 2.^o fez notaveis serviços, pelos quaes chegou a ter grande auctoridade na côrte, e a alcançar o respeito que a sua muita idade, merecimento, e probidade exigiam. São commummente os velhos promptos em irar-se: a velhice e as doengas, suas companheiras, parece azedam o genio dos velhos. Tractando-se certo negocio em conselho d'estado, desmandou-se Ruy de Sousa em pa-

lavras desabridas contra elrei, de modo que este, sendo um dos reis mais benignos, mas ao mesmo tempo mais ciosos da auctoridade e acatamento real, o reprehendeu asperamente, e lhe ordenou saisse immediatamente do paço. Julgaram todos a Ruy de Sousa perdido. De tarde, porém, elrei montando a cavallo, seguido de alguns criados, se foi a casa do veneravel ancião; e entrando lhe disse estas memoraveis palavras: "*Ruy de Sousa, passarei esta tarde com-vosco. O que hoje me disseste offendia o respeito devido ao rei, por isso vos reprehendi asperamente; se os vossos dictos offendessem em mim um homem qualquer, eu vo-los soffrera, como se fôra D. João vosso filho; comtudo, como se o fosse, vos peço me perdoeis.*" Esta acção generosa revela inteiramente a bella alma de D. João 2.^o, cujo titulo de principe perfeito, é talvez o unico que tenha dado a reis, não a adulação, mas a justiça.

FACTO MAIS EXTRAORDINARIO DO QUE UMA FICÇÃO.

DIZ o celebre Lord Byron em um de seus poenias — que ha factos mais extraordinarios do que as mesmas ficções. Tanto isto é verdade, que n'uma collecção franceza de casos notaveis, todos comprovados com documentos, encontrámos o que vamos transcrever.

O filho de um negociante de París amava desde tenra idade a filha de outro negociante. Com o consentimento de ambas as familias ajustaram casamento. Desgraçadamente aconteceu, que estando para se celebrarem as nupcias, a rapariga fosse pedida a seus paes por um cavalleiro já muito edoso; mas muitissimo mais rico do que o noivo mancebo. Depois de muitas lagrimas e rogos para a deixarem casar com aquelle que o seu coração escolhera, a pobre rapariga teve por fim que obedecer a seus paes. Apenas o disparatado casamento se effectuou, a noiva foi accommettida de uma violenta doença, que veio terminar n'uma morte apparente; o velho marido fez á sua desgraçada victima um pomposo enterro.

A noticia deste successo chegou immediatamente aos ouvidos do mancebo, que, lembrando-se de que a supposta defuncta era sugeita á catalepsia [*], comprou o guarda do cemiterio, e desenterrando com a ajuda d'elle a sua amante, a conduziu para um logar de segurança, onde com os promptos soccorros da medicina, de feito a pôde restituir á vida, como elle suppunha.

Quando ella se achou sufficientemente restabelecida, e em estado de soffrer os incommodos de uma viagem, os dois amantes fugiram para Inglaterra: e como a rapariga tinha sido julgada morta e fôra enterrada, crendo-se já desobrigada dos laços que contraíra com o velho, cumpriu a promessa que fizera ao rapaz, casando com elle.

Tendo os dois residido em Inglaterra por espaço de dez annos, pareceu-lhes que já em França ninguem se lembraria delles, e que poderiam voltar para a sua patria sem correrem risco de serem conhecidos. Desmentiu o successo as suas esperanças; porque apenas chegados a França foram logo conhecidos pelo primeiro marido da *morta-viva*, o qual immediatamente lhes pôz demanda. O advogado da ré veio com seu arrasoado, dizendo, que o primeiro marido servindo-se da sua riqueza para a opprimir, a havia conduzido á morte apparente; que o segundo fôra o que ella escolhera, e que esta escolha tinha sido sancionada por seus paes: que elle tinha dobrado direito a possui-la, por que a tinha livrado da morte verdadeira que ella teria padecido se continuasse a estar enterrada; caso es-

(*) Vide a pag. 148 do 1.^o volume.

te que, se acontecesse, na verdade faria com que o seu amante nunca a possuísse, mas que tambem a teria para sempre livrado do seu antigo esposo.

Qual seria a sentença que dariam os tribunaes não é facil advinhar. Provavelmente acharam insubsistentes as allegações da ré; porque ella, e o marido que escolhera, fugiram outra vez para Inglaterra, e nunca mais houve novas de nenhum delles.

VIDRO.

PLINIO dá a seguinte noticia do descubrimento da arte de fazer o vidro.

“Alguns mercadores que passavam pela Syria, com cargas de nitro, pararam para descansar juncto d’um rio que nasce no monte Carmello. Querendo cosinhar a comida, e não achando por alli pedras para collocarem as caldeiras, serviram-se de alguns pedaços de nitro para este mister; foi o lume pouco e pouco derretendo o nitro, que se misturou com a arêa; esta mistura produziu certa materia transparente, que outra cousa não era senão o vidro.”

Nos tempos modernos dizem que um frade inglez chamado Benalt o inventou de novo no seculo 9.^o; e que já se usava em vidraças de casas particulares em 1180. Afirmam outros que a invenção é franceza, e que a arte de fazer o vidro passou de França para Inglaterra em 674, sendo os monges os primeiros que se serviram de vidraças nas janellas das egrejas e mosteiros; o que parece certo é que o uso das vidraças nas casas particulares era ainda muito raro no seculo duodecimo. —

O HOMEM temperado, como o peixinho em ribeiro crystalino, corre suavemente na branda corrente da vida. — *Fellham.*

CAÇA DOS LOBOS NA NORUEGA.

NA NORUEGA, e talvez em mais alguns paizes do norte, se usa de uma invenção muitissimo simples, para apanhar os lobos, e vem a ser a seguinte: Risca-se um circulo de seis ou oito pés de diametro, e pela linha que se descreveu se vão cravando estacas tão bastas, que o lobo não possa passar por entre ellas, e de altura tal que a fera não salte por cima. No meio do circulo prega-se tambem uma vara, a que se ata um cordeiro ou um cabritinho. Á roda deste circulo se fórma outro de estacas, do mesmo modo altas e cerradas, apenas separado do interior o espaço necessario para o lobo andar ao redor entre ambos, sem comtudo poder revirar-se para traz. No circulo exterior faz-se uma cancella, a qual abre para dentro, e a que se dá a largura necessaria para ao abrir-se ir topar no circulo interior. Esta cancella anda leve nos gonzos, e ao cerrar-se fecha-se por si mesma, com mola, ou por outra qualquer via. Os lobos, que sentem balar o cordeiro, chegam-se, e entram, ás vezes, uns poucos de roldão, de modo que vão enchendo o estreito corredor. O que vae adiante rodêa sempre, para ver se acha entrada ao claro do meio: assim chega atraz da porta, e empurrando-a com o focinho, ella se fecha e fica segura. Os lobos dão outro passeio ao redor, até que veem que não podem entrar ou sair. Sentindo-se agarrados, começam então a uivar horrendamente, e o caçador que está a la mira, ouvindo-os, vem e avia-os á sua vontade. Dizem que esta casta de armadilha se usa tambem para apanhar raposas, e até ratos.

CUVIER E NAPOLEÃO.

Todos gostam de fallar naquillo que sabem melhor. Cuvier, homem dos mais doutos que tem tido a França, gostava muito de discorrer sobre assumptos scientificos, e algumas vezes alargava-se de mais. Napoleão, que tambem era douto, ainda que n’um grau muito inferior, folgava de ouvir os doutos, com tanto, porém, que chegassem sem grandes preambulos á solução dos problemas.

Tinha uma noite vindo Cuvier ás Tulherias, depois d’uma sessão da academia das sciencias.

“Mr. Cuvier, disse-lhe o imperador, que fizeram hoje na academia?”

— Senhor, tractámos do assucar da betarraba.

— Ah! então a academia julga que o terreno da França é proprio para a cultura da betarraba?

Para responder a esta pergunta mui simples, fez Cuvier, como verdadeiro douto, uma dissertação geologica sobre o solo, da qual passou á historia natural da betarraba. Quando chegou á conclusão já o imperador lhe não prestava attenção. O silencio de Cuvier o fez sair da sua distracção; elle continuou.

Muito bem, Mr. Cuvier, e a academia pensa que o terreno da França é proprio para a cultura da betarraba?

Cuvier pensando que algum outro pensamento tinha absorvido a attenção do imperador, recommençou a sua dissertação, e foi fallando até conclui-la. O imperador que não estava para ouvir tamanho discurso, poz-se a pensar n’outra cousa. Quando Cuvier acabou despediu-se d’elle com estas palavras:

“Muito obrigado Mr. Cuvier. A primeira vez que vir Berthollet, hei de perguntar-lhe se o terreno da França é proprio para a cultura da betarraba.

VEGETAÇÃO DAS PLANTAS.

Mr. EMILIO Gueymard publicou um processo simples e economico para activar a vegetação das plantas, o qual póde ser empregado em todos os terrenos, e em toda a casta de arvores. Todas as idéas uteis devem ser propagadas, e eis-aqui em que consiste a de Mr. Gueymard.

As arvores recebem o alimento pelas folhas, ramos, troncos, e raizes. Quando o musgo dá nos troncos das arvores, a vegetação languescce dentro de pouco tempo, e ás plantas definham de dia para dia. Ha quem tenha recommendado o limpar o musgo com uma escova, principalmente depois das chuvas, porque a operação é então facilima. Este processo restitue á arvore a sua antiga força de vegetação, mas exige ser repetido uma ou duas vezes cada anno. Tambem alguém se lembrou de lavar as arvores com agua de cal ordinaria, meio bom na verdade, porque a causticidade da cal destroe inteiramente o musgo, mas que tem um inconveniente, e vem a ser, que os grãos pequenissimos da cal podem tapar a maior parte dos poros e dificultar a absorpção dos principios alimentosos.

Porém um processo com que se consegue melhor do que com qualquer outro destruir o musgo, e dar grande vigor a uma arvore, seja qual fór a sua idade, é o que consiste em esfrega-la com uma dissolução de cinzas, da mesma força ou densidade das que se empregam nas barrellas caseiras. Passados alguns dias, toma o tronco uma cor verde-escura, e annuncia nova actividade de vegetação.

Fique entendido que a lexivia deve ser coadía, para que não contenha alguma porção de cinza, que introduzindo-se nos poros do tronco, damnificariam a arvore.

Quando se não poder obter a lexivia de cinza, empregar-se-ha a potassa dos droguistas dissolvida em agua. A dissolução deve ter a mesma força da lexivia domestica, o que se conhecerá experimentando-a na lingua.

POMMADA QUE OBSTA A' CAIDA DOS CABELLOS.

Tutano de vacca purificado. seis oitavas.
Oleo de amendoas doces duas oitavas.
Quina vermelha em pó. uma oitava.
Essencia de rosas ou qualquer outra. tres gottas.
Encorpora-se a quina com o oleo de amendoas doces, juncta-se-lhes o tutano de vacca derretido, misturam-se, e depois accrescenta-se-lhes a essencia de rosas, quando tudo estiver quasi frio.

Antes de empregar esta pommada, lava-se a cabeça com agua de sabão em que se misturam uma ou duas colheres de agua de colonia; deixa-se enxugar, e depois emprega-se a composição como outra qualquer pommada ordinaria.

Esta pommada faz com que os cabellos não cáiam, o que muitas vezes acontece depois de varias enfermidades, taes como os typhos, a febre puerperal, a syphilis, as molestias inflammatorias, e os grandes fluxos de sangue.

Destruição das formigas.—Numerosas experiencias teem comprovado a efficacia da seguinte receita.

Agua ardente. . . . 1 quartilho.

Assucar mascavado $4\frac{1}{2}$ oitavas dissolvidas na quarta parte d'um quartilho d'agua.

Depois de bem encorporadas estas drogas, enchem-se pequenas vasilhas que se collocam nos sitios onde as formigas costumam reunir-se. Este liquido attrae as formigas, que o bebem, até cair-lhe dentro.

Houve quem conseguisse affugentar as formigas e outros insectos, espalhando á roda dos pés das arvores fructiferas bagaço de carrapatos do ricino (*palma christi*), e chegasse até a reconhecer que as terras estrumadas com este residuo são livres de formigas.

Emprego da agua a ferver para auxiliar a germinação das sementes, e destruir os insectos que as atacam.—A sociedade botanica de Londres, acaba de fazer uma experiencia digna de interesse nas sementes remettidas do Cabo de Boa-Esperança por Sir John Hersholl. Tendo estado estas sementes dentro de agua a ferver, por espaço de tres, seis, e quinze minutos, germinaram promptamente logo que as enterraram. Resulta desta experiencia, que com a exposição á acção da agua a ferver, ficam livres as sementes dos insectos que as roíam, sem que se lhes altere o principio vital. Tambem se podem livrar os vegetaes dos insectos, mergulhando aquelles n'uma dissolução concentrada de pedra hume, de nitro ou de sal, misturada com igual quantidade de espirito de vinho.

Meio de conseguir que a tineta não alastre.—Uma das melhores substancias para tornar a tineta muito grossa, é o café bem forte, porque, além de não a decompor, dá-lhe lustro e brilho.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Junho 17

1665 — Batalha de Montes-Claros. O exercito portuguez capitaneado pelo marquez de Marialva

e pelo conde de Schomberg derrota os castelhanos commandados pelo marquez de Caracena. A força portugueza era de 15:000 infantas, 5:500 cavallos e 20 peças d'artilharia, e a inimiga de igual numero de infantas, 7:600 cavallos e 14 peças. Os castelhanos perderam nesta jornada 4:000 mortos, 6:000 prisioneiros, 3:500 cavallos, toda a artilharia e mais de 100 bandeiras e estendartes.

1719 — Morte de Adisson, auctor do Espectador inglez, e critico celebre.

18

1815 — Batalha de Waterloo em que expirou o imperio de Napoleão.

19

1215 — Os barões inglezes obrigam o rei João Semterra a assignar a *Magna Charta*, origem e fundamento da liberdade de Inglaterra.

1580 — D. Antonio, prior do Crato, é aclamado em Santarém rei de Portugal.

20

1622 — Os hollandezes accommettem a cidade de Macáu, com uma armada de 15 náus. São repellidos, com grande perda, pelos portuguezes.

21

1483 — É condemnado á morte o duque de Bragança D. Fernando, accusado de traição contra D. João 2.^o A execução teve logar no dia seguinte na praça de Évora, onde então el-rei estava.

1828 — Morre em Paris Moratin, celebre escriptor comico hespanhol.

22

1633 — Abjuração feita por Galileu segundo a seguinte formula, dictada pelo Sancto-Officio — “Eu Galileu &c. maldigo e desterro o erro e heresia do movimento da terra.”—Acabada a abjuração feita por Galileu foi condemnado pela assemblea dos theologos a prisão por tempo indeterminado, com obrigação de resar todas as semanas os 7 psalms penitenciaes. Tão caro sae ás vezes o ter rasão!

23

1662 — Recebe elrei D. Affonso 6.^o o governo do reino das mãos da rainha D. Luiza, sua mãe.

 *As pessoas, que tomaram assignaturas por seis ou dois mezes a findar em o N.º 61, querendo continuar, as devem renovar quanto antes para não soffrerem interrupção na entrega do Jornal.*

Errata que deve corrigir-se no Panorama N.º 57, no artigo Meteorologia pag. 172, 2.^a col. lin. 23. Aonde diz nos mezes do inverno de 1837, deve ler-se nos doze mezes do anno de 1837.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.